

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de Paraná Class.: 65

Data: 29/12/88 Pg.: \_\_\_\_\_



Do alto do Monte Pascoal, o panorama, que se estende por 22.500 ha.

# Matas que cercam o Monte Pascoal estão ameaçadas. E pelos índios

**Praticamente destituídos da cultura original, os índios destroem a mata para vender madeira a empresas clandestinas. E a fiscalização é falha**

**Texto e fotos: Ana Luiza Paika**

Não fosse o significado histórico, talvez o Monte Pascoal não estivesse hoje protegido por leis e decretos que asseguram um parque nacional. Apesar disso, a riqueza da fauna e da flora justificam os contornos que foram delimitados ao redor de 22.500 hectares de área, no Sul do Litoral baiano, com a intenção de preservar o ponto exato avistado por Cabral quando se aproximava do continente desconhecido. A preservação da mata nativa, no entanto, vem sofrendo sérias ameaças por causa da ação devastadora dos índios pataxós, habitantes originais da área, que extraem madeira para empresas clandestinas.

Localizado no município de Porto Seguro, no Extremo Sul da Bahia, o Parque Nacional de Monte Pascoal, à parte toda sua beleza natural, sofre basicamente de uma precária estrutura de fiscalização, conjugada a um desencontro de interesses entre o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), que administra o parque, e a Funai, responsável pelo índios da região.

"Esperamos que a Funai cumpra a sua parcela", diz Luciano Pizzatto, diretor de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes do IBDF. Ele explica que a única forma de evitar a devastação da mata do parque é um trabalho de conscientização dos danos que estão causando à própria sobrevivência com a exploração extensiva da madeira.

A questão da preservação dessa mata tropical esbarra-se então com a questão indígena. Os índios, quase completamente destituídos de sua cultura original e em franco processo de miscigenação com a raça branca, já não possuem condições de subsistência

própria. A doação de oito mil hectares do parque para os pataxós não foi considerada suficiente. Desde que tiveram direito a essa área, há aproximadamente oito anos, começaram a exploração da madeira em suas terras, como uma forma de sobrevivência mais rentável.

Os índios servem a madeiras clandestinas. Até agora não se tem pistas de quanto ganham e para quem estão trabalhando. Eles se recusam terminantemente a revelar os intermediários, e dispõem de caminhões e motosserras para a derrubada das árvores. No início, a exploração se limitou às terras doadas aos índios, mas de uns três anos para cá começaram as invasões dos limites do Parque de Monte Pascoal.

Segundo Luciano Pizzatto, os madeiros clandestinos estão passando para os índios a idéia de que além de receberem o dinheiro pelo corte da madeira, conseguiriam com essa ação toda a área do parque, uma vez que já não haveria interesse em se manter um parque devastado. Pizzatto denuncia que há estímulos externos para que os índios tomem toda a área, o que facilitaria a implantação de grandes fazendas de cacau naquelas terras. O Parque de Monte Pascoal está localizado justamente em uma das zonas de maior violência agrária da Bahia, onde há cultivo extensivo do cacau.

Apenas seis homens fiscalizam os 22.500 hectares de interesse nacional. O agente de defesa florestal, Milton Vieira Barros, chefe de vigilância de Monte Pascoal, afirma que seriam necessários pelo menos vinte seguranças para proteger razoavelmente a área. Com pouca gente, fica fácil para os índios cortarem árvores em alguns pontos sem que sejam percebidos. Numa das poucas vezes em que foram flagrados, foram apreendidos dois caminhões cheios de toras. Nestes casos, é imediatamente comunicada a polícia de Itamaraju, a cidade mais próxima, a 32 quilômetros. A Polícia Federal apreende a madeira, os equipamentos e o veículo, que depois são vendidos em Leilão público. Os índios são soltos e nenhum tipo de punição lhes pode ser imposta de acordo com os direitos indígenas.

Os pataxós não denunciam de forma

alguma os empreiteiros que estão por trás do corte irregular das árvores do parque nacional, pois sabem que estariam eliminando o próprio meio de obter dinheiro. Além disso, sabe-se que há muita interferência política no momento de identificação dos criminosos, o que não tem permitido "cortar o mal pela raiz". Alguns reflexos dessa devastação já começam a aparecer. Milton Vieira diz que o jacarandá está praticamente extinto no parque. Agora que essa espécie de madeira nobre tornou-se escassa, os índios estão atacando a baraúva e a macanaíba. Segundo Pizzatto, novos fiscais para o parque não podem ser contratados enquanto vigorar o decreto que impede contratação de pessoal pelo governo federal.

### Turismo

Com 536 metros de altitude em relação ao nível do mar, o Monte Pascoal é facilmente identificado também para quem viaja pelo lado Oeste, próximo a BR-101. A escalada ao topo, permitida aos turistas, é cansativa. O percurso para chegar até a cruz é de 1.500 metros e pode ser feito a pé, em média numa hora. Próximo à base do monte há um centro turístico com painéis explicativos sobre dados históricos, formação geográfica e espécies florestais de Monte Pascoal.

São os pataxós, contudo, os primeiros a se apresentarem na entrada do parque. Os índios têm barracas onde vendem o artesanato por eles produzidos especialmente para os turistas. Arcos, flechas, devidamente enfeitados com penas de aves e pássaros, principalmente da garça, coloridas artificialmente.

Alguns cocares mais caros são enfeitados com penas de papagaio e tucano. Na confecção, são utilizadas madeiras conhecidas como buri, taboca e imbirá. A comercialização se dá a preços acessíveis e a moeda "cruzado" é carinhosamente chamada de "caiambá". Ao pé do Monte Pascoal vivem cerca de 25 índios pataxós. A aldeia, onde se concentra a maior população, fica mais longe e pode ser avistada como um clarão na mata por quem está no topo do Monte. Alguns índios pataxós estão distribuídos também na praia de Santa Cruz da Cabralia, em Porto Seguro.

No percurso que leva até o centro de visitantes, estão identificadas dezenas de espécies de árvores, formando uma vegetação densa e exuberante, fisionomicamente semelhante à da Amazônia. Chamam atenção as raízes do piqui e da jendiba, que afloram na superfície, mas de tão extensos se perdem no meio da mata. A riqueza da fauna se confirma com a descoberta no Parque Nacional de espécies ameaçadas de extinção, como o jaguar, o mutum, a harpia, a jacutinga e o ouriço preto, e com a observação de 176 espécies de aves, entre elas os mais variados tipos de papagaios.

O primeiro ponto de terra visto pelos portugueses fica a mais de trinta quilômetros do mar. Assim, o oceano, para quem sobe no Monte Pascoal, não chega nem a ser visto. Ao Leste observa-se a extensa planície e a Oeste uma cadeia de montanhas mais altas. O monte, Pero Vaz de Caminha assim descreveu: "Até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, foram vinte e um dias de abril, houvermos vista da terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao Sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao monte alto o capitão pôs nome — o Monte Pascoal, e à terra — a Terra da Vera Cruz..."



Os indiozinhos assediam os turistas para vender objetos artesanais.